

Anthony Motley fala em *Dívida externa* novos entendimentos

JORNAL DE BRASÍLIA

5 III 1983

São Paulo — Já há um entendimento na comunidade financeira internacional de que a dívida de curto prazo do Brasil deve sofrer algum tipo de renegociação, embora ela não saiba nem quando nem de que forma isso poderá ser feito. O comentário foi feito, ontem, pelo embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Anthony Motley, que na próxima quinta-feira assume, em Washington, seu novo cargo como secretário-adjunto para Assuntos Interamericanos do Departamento de Estado.

Ontem, Motley foi homenageado com um almoço de despedida pela Câmara Brasil-Estados Unidos de São Paulo. Não quis citar expressamente a palavra «renegociação», preferindo dizer que os banqueiros entendem a necessidade de «esticar» a dívida de curto prazo brasileira. Domingo, no programa «Crítica e Autocrítica», na TV Bandeirantes, o embaixador, ao responder a uma pergunta do senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP), havia afirmado: «Está todo mundo reconhecendo que o roll-over (da dívida de curto prazo) a cada 90 dias não resolve o problema».

Motley acrescentou, no mesmo programa, que é muito difícil para a comunidade financeira efetuar uma renegociação das dívidas de curto prazo, porque teria que dar satisfações a seus acionistas. «Não

se pode levar uma dívida de curto prazo, de 90 dias, para 8 anos de um dia para o outro» — comentou. Ontem, no almoço, o embaixador não quis negar nem apoiar a hipótese de uma ajuda dos Estados Unidos para o encaminhamento deste tipo de renegociação com os banqueiros. «Não é o papel dos Estados Unidos intermediar junto aos banqueiros» — afirmou Motley.

VAI SUPERAR

Falando para 300 empresários da Câmara Brasil-Estados Unidos, Motley reafirmou sua crença no Brasil e em sua capacidade de superar a crise atual. «O Brasil tem que acreditar no Brasil e executar os programas para superar a crise, que serão duros mas vão funcionar». Ele repetiu a tese de que o comércio mundial deve ter «mão dupla», isto é, preocupar-se com exportações mas também com importações, «para que a música recomece de novo». Defendeu a redução das barreiras tarifárias e não tarifárias e foi contra uma nova ordem econômica mundial. Mas, no programa «Crítica e Autocrítica», reconheceu a necessidade de se «fazer alguma coisa no preço das matérias-primas».

O problema fundamental é que o comércio internacional parou, a música parou e temos que nos sacrificar um pouco para podermos exportar e importar.